

**CÂNTICO DOS CÂNTICOS
DA COMPLEXIDADE DO DISCURSO RELIGIOSO
A CANONICIDADE**

Carla Regina Chierici Pereira Pedrosa (UENF)

carlarcpp@yahoo.com.br

Sergio Arruda de Moura (UENF)

RESUMO

Considerando os aspectos literários do discurso bíblico, este artigo propõe uma breve abordagem da complexidade da análise do discurso religioso. O objetivo é pontuar esta complexidade por meio do livro *Cântico dos Cânticos*, na sua poeticidade, contido nos escritos judaicos, na *Bíblia* católica e protestante e sua aceitação nos respectivos cânones.

Palavras-chave:

Complexidade. Discurso religioso. *Cântico dos Cânticos*. Canonicidade.

1. Introdução

A *Bíblia* é composta por uma coleção de escritos reconhecida, pela Igreja Católica e Protestante, como inspirada. A expressão grega *ta biblia* “os livros” veio a nós por meio do latim. A *Bíblia* não é um livro, mas uma biblioteca; é a literatura de um povo, o povo de Deus segundo Harrington (2002). Esta é uma importante observação se quisermos ter uma adequada compreensão da *Sagrada Escritura*.

As formas literárias de ampla variedade e de diversas formas se desenvolveram em épocas e culturas diferentes. No que diz respeito à *Bíblia*, seu aspecto humano não foi apreciado completamente, por isso a aplicação da forma literária enquanto verdade foi restrita, mas já há uma correção e se admite que a *Sagrada Escritura* contenha uma variedade de tipos literários.

Os escritores sagrados desde que não estivessem em desacordo com a verdade e santidade de Deus podia utilizar qualquer forma literária, só não poderia ignorar o condicionamento humano para não incorrer na má interpretação da mensagem divina. Assim, para compreender a *Bíblia* requer-se do leitor uma compreensão da origem semítica, sem avaliar pelos padrões ocidentais, visto que usamos espontaneamente termos abstratos, mas os escritores bíblicos e o próprio Jesus Cristo usavam imagens e termos concretos. “Conhecer” para os ocidentais significa

apreender; para o semita é mais do que isso. Conhecer Deus na linguagem bíblica envolve compromisso, aceitação de tudo o que ele significa. Conhece a Deus aquele(a) que vive em sua presença, com um conhecimento íntimo e não uma noção de quem é Deus.

Iniciamos este trabalho com uma breve abordagem da complexidade pautada por Maingueneau e Magalhães na análise do discurso religioso e pontuaremos esta complexidade na obra *Cântico dos Cânticos* e como se deu sua entrada no cânon.

2. A Bíblia como discurso literário

Considerando que neste século XXI a dimensão religiosa é essencial perante a conflituência humana, mesmo assim se percebe o pouco interesse em pesquisas de análise do discurso religioso, segundo Maingueneau (2010), ocasionado por causas diversas que apontam esse desinteresse.

Como acontece com a filosofia e a literatura, o domínio das técnicas nos comentários dos textos escritos são ricos e requintados. A partir de 1960, os analistas do discurso procuraram abrir novas abordagens das produções verbais, e em contrapartida os especialistas em textos filosóficos, religiosos ou literários recebiam que as novas abordagens não se mantivessem no mesmo patamar dos “grandes textos”, embora as correntes inovadoras não ignorassem a importância das antigas abordagens e sua influência nos textos religiosos.

Nas sociedades ocidentais, a cultura religiosa é cada vez menos divulgada entre os pesquisadores em ciências humanas e sociais. Muitos dos que estudam textos religiosos o fazem não para compreender o discurso religioso, mas porque ele interfere em outros domínios, em particular no da política. [...] Tais trabalhos se situam nos limites do jornalismo e da sociologia; não tratam do discurso religioso enquanto tal (MAINGUENEAU, *op. cit.*, p. 101).

Os discursos considerados constituintes implicam fundar e não ser fundado por um outro discurso, conforme Maingueneau (*op. cit.*). Com grande alcance esses discursos são elaborados em ambientes institucionais restritos “que imprimem sua marca sobre sua produção que a moldam através de uma maneira de viver” (MAINGUENEAU, *op. cit.*, p. 8). Para autorizar somente a si próprios, devem se por como ligados a uma fonte legítima. Outra característica apontada é que eles implicam uma hierarquia entre os enunciados, quanto mais próximos da fonte dos textos mais prestigiados são (*op. cit.*, p. 12). Os hermeneutas ao estabelecer relações inesperadas e ricas de sentido são legitimados pela instituição ou

comunidade a que estão vinculados. Dentre as observações do mesmo autor, quando há um debate social, pede-se a opinião de pessoas que falam em nome da religião, da filosofia, da ciência, tem-se a impressão de que esses discursos são últimos, confrontando-se com o Absoluto.

O discurso religioso, por ser um discurso constituinte, faz parte do conjunto de interações de gêneros diversificados que, segundo Maingueneau, é preciso estudar, sem se ater só nas arquiteturas doutrinárias ou, ao extremo, nos gêneros do cotidiano. Também, a análise do discurso religioso se complica por dois procedimentos diferenciados. O que foca a interpretação dos textos e outro que visa o estudo das práticas religiosas aplicadas a esses textos.

Os obstáculos à compreensão da *Bíblia* como literatura apresentados por Magalhães no XI Congresso Internacional da ABRALIC *Tessituras, Interações, Convergências*, é que a *Bíblia* não foi vista por alguns como livro da cultura e dos complexos processos civilizatórios, mas como um livro da instituição religiosa. A dificuldade existe tanto pelos defensores de uma crítica literária como pelos que querem proteger a *Bíblia* como escritura sagrada. Uns não reconhecem a legitimidade da temática religiosa como parte da literatura ocidental, outros não reconhecem a variedade contida no texto bíblico, priorizando um olhar apenas teológico. E ainda há críticos que evitam a abordagem como se com isso houvesse perda ou comprometimento da obra literária.

Magalhães constata que a *Bíblia* não é incluída como fonte entre os clássicos da literatura mundial pelos cursos de letras, ocasionando um desconhecimento dela, e, por conseguinte, poucos estudos sobre a relação da literatura no Brasil com a *Bíblia*. Os obstáculos residem também nas ideologias sobre o saber, em hermenêuticas teológicas restritivas e em crítica literária necessitada de maior comunicação com o texto bíblico.

Das características da *Bíblia* apresentadas por Magalhães como literatura destaca-se a consideração com a narrativa que é constituída por concepções teológicas e religiosas. Sem essa compreensão não há aprofundamento literário. Considerar a complexidade e intensidade da obra, que é narrada de forma sucinta comparada a outros escritos. Magalhães citando o teórico literário Frye, o mesmo defende um novo uso da linguagem contida na *Bíblia*, o proclamativo, caracterizando a intensidade dos personagens e tramas cuja finalidade é incluir o leitor no texto, a fim de que crie sua história a partir da história contada. A linguagem bíblica é literária por ser marcada por tensões de seus personagens e por fim na

Bíblia hebraica identificam-se a conflitudo humana e o Divino.

A *Bíblia* hebraica e a Cristã nasceram em religiões monoteístas e carregam a herança literária das mesmas. A finalidade da descoberta da escrita é registrar o que não é possível ser guardado na memória. A poesia, ao contrário, existiu bem antes do conjunto de textos que formam hoje o que chamamos de literatura.

Os livros bíblicos dão forma à grandiosa história do ser humano, uma história de Deus e do povo escolhido.

A grandiosa história, à qual os livros bíblicos dão forma sobre a presença do ser humano no mundo, é indubitavelmente a arte narrativa mais impressionante produzida pelo ser humano: a história do acordo divino com um povo escolhido, ao mesmo tempo em que isto é construído na forma de um acordo matrimonial, recortado com compromissos para ambos os lados (MAGALHÃES, 2008).

Considerando a complexidade apontada por Maingueneau e Magalhães a respeito da análise do texto bíblico, salvaguardando as respectivas considerações, a abordagem da obra poética *Cântico dos Cânticos*, um dos livros sapienciais da *Bíblia* é oportuna no contexto da complexidade e profundidade apontadas, por ser desconhecida por muitos e até mesmo mal-entendida.

3. *O Cântico dos Cânticos*

No hebraico, o *Cântico dos Cânticos* significa “o mais belo cântico” e entre os escritos hebraicos era uma leitura para ser lida na Páscoa. No século II a. C. o rabino Aquiba demonstrou o apreço dos judeus pelo livro considerando que todos os livros são santos, mas o *Cântico dos Cânticos* é o Santo dos Santos.

Tradicionalmente é atribuída sua autoria a Salomão conforme se encontra na *Bíblia* (*Cântico dos Cânticos*, 1,1), por este ser considerado um poeta, e por ser costume da época atribuir o escrito a uma pessoa famosa, porém a linguagem é posterior ao tempo de Salomão. Com influência do aramaico, hebraico e grego a finalização da obra é pós-exílica com indicações de ter sido editada no século V ou VI a. C. (*BÍBLIA*, 1995, p. 870).

A obra tem o aspecto de uma coletânea de poemas, que alguns estudiosos afirmam serem antigos cantos populares que formaram o livro. Nesse contexto poderíamos afirmar “a voz do povo é a voz de Deus?”

Considerando o contexto da época, o autor certamente compreendeu a importância da mensagem do amor. A estrutura está cheia de repetições de versículos, temas e situações, contém elementos diversos provindos ora da cidade, ora do campo, de Judá ou de Israel do Norte.

O sentido do *Cântico* em seu contexto histórico provém do tempo de dominação do império persa sobre o povo babilônico. Após o repatriamento, a reestruturação religiosa em torno da lei e do templo regulava todos os âmbitos da vida do povo, principalmente a lei da pureza encontrada no livro do *Levítico* contido na *Bíblia*. Evitar a contaminação da raça separando os estrangeiros, principalmente as mulheres, os interesses econômicos e políticos subordinados a religião, a observância do puro e impuro, a purificação por meio da oferta de sacrifícios e no tempo para ter acesso ao culto e isso era cobrado, ou seja, os pobres continuavam impuros ou se endividavam para serem purificados. A lei controlava até as secreções do corpo, a mulher era considerada impura em função da maternidade e da menstruação. A exploração era imensa e para os repatriados reconstruir uma nova vida era difícil, até a fé era controlada e explorada.

A obra se destaca pela paixão, ternura e a alegria da vida quando tudo se transfigura pela potência do amor. Dedicado principalmente a feminilidade visto que a mulher se destaca na cena enunciativa, apesar da época a cultura oriental ser dominada pelo homem.

A palavra *dodî* “meu amado” aparece mais de trinta vezes no *Cântico*. Percebe-se o abandono a uma íntima relação eu-tu/meu-teu, ou na proclamação, “o meu amado é meu e eu sou dele”!

A intimidade destacada por Ravasi (1988) passa por três graus: o conhecimento da sexualidade como algo bom criado por Deus, porque o corpo vem de Deus, citando a afirmativa de Lutero *corpus est de Deo*. Porém, por si só é cega, física, animal. O desejo humano em relação à mulher é um bom dom de Deus, todavia com o *eros* os dois permanecem externos um ao outro. No último grau, o do amor, que se realiza a plena comunhão que “ilumina e transfigura a sexualidade e o *eros*” (RAVASI, *op. cit.*, p. 11). A *Bíblia* com o *Cântico* celebra o triunfo do amoroso retorno de Deus para sua criatura. O amor expressado revela a profunda identidade, feitos carne da mesma carne, sem, contudo perder a singularidade.

Há diversas e extravagantes interpretações sobre o *Cântico*, que buscou em cada palavra um sentido erótico de duplos sentidos. Segundo

Ravasi, as interpretações são inúmeras, delírios interpretativos que se entenderiam por páginas e páginas. A leitura do *Cântico* para o autor é um canto de amor, um amor humano, real corpóreo.

Por isso o poema bíblico é a celebração do amor nupcial no seu valor de plenitude humana. Mas é também a intuição de que nele se esconde um sinal. Não obstante as muitas perplexidades científicas e de interpretação que suscita a sua obra, parece-nos pertinente esta observação do escritor Guido Ceronetti no seu *Cântico dei Cantici* (ADELPHI, 1975, p. 107): A leitura em chave erótica do *Cântico* é a mais segura, mas não tem sentido se o leito dos amores não for iluminado por pequena lâmpada que aclare, através daqueles amores transparentes, o Escondido (RAVASI, *op. cit.*, p. 24).

O amor verdadeiro é desafiante, enfrenta o tempo ao mesmo tempo em que é uma presença cheia de frescor à espera de um futuro a saborear. “O amor é, pois, recordação, presença e esperança; é palavra e silêncio” (*Id.*, *op. cit.*, p. 44).

Pois o amor é forte, é como a morte! Cruel como o abismo é a paixão; Suas chamas são chamas de fogo uma faísca de Iahweh! As águas da torrente jamais poderão apagar o amor, nem os rios afogá-lo. Quisesse alguém dar tudo o que tem para comprar o amor... Seria tratado com desprezo (*BÍBLIA*, 1995, p. 1306).

O Cântico destaca a mulher, a maior parte dos poemas são enunciados por ELA, “é um grito de libertação do sexo feminino” (STORNIOLO & BALANCIN, 1991). O amor quebra as barreiras de opressão do corpo e da alma.

Sobre meu leito, ao longo da noite, procuro aquele que eu amo. Eu procuro, não o encontro. Tenho de levantar me, dar a volta pela cidade; nas ruas, nas praças, procurar aquele que eu amo. Eu o procuro, não o encontro. Encontram-me os guardas que fazem a ronda na cidade: “Aquele que eu amo, não o vistes?” Mal os tenho passado, encontro aquele que eu amo. Seguro-o e não o largo, até tê-lo introduzido na casa da minha mãe, no quarto da que me concebeu (*BÍBLIA*, 1995, p. 1298).

Saindo do contexto histórico-social, como compreender esta obra com alusões ao amor, sexo e erotismo? Com as inúmeras interpretações surgidas no decorrer dos séculos como se deu a canonicidade do *Cântico dos Cânticos*? Como encontrou no cânon um lugar, a ponto de ser lido na liturgia da Páscoa judaica a partir do século V d. C?

Para responder a essas questões buscamos na tradução ecumênica da *Bíblia*⁷⁷ – TEB alguns apontamentos buscando o sentido do *Cântico*

⁷⁷ A *Bíblia* – Tradução Ecumênica se baseia nos textos originais hebraicos, aramaicos e gregos da edição francesa Traduction Oecuménique de La Bible traduzidos por uma equipe de estudiosos de

visando à alegoria ou a realidade, em seguida o conceito de cânon e a canonicidade do Cântico.

Nesta tradução aparecem dois personagens denominados ELE e ELA. A interpretação alegórica provém do primeiro século d. C. e interpreta as relações entre o casal tanto de forma histórica quanto mística. De maneira histórica talvez seja o confronto do povo de Deus e outro povo, por exemplo, no fim do século VIII os remanescentes das dez tribos do Norte procurando se unir a Ezequias, mas se deparando com a hostilidade de Judá; ou a relação entre Israel e os povos estrangeiros. Outra interpretação histórica é a relação entre o Senhor e seu povo em um determinado momento, como na volta do exílio, ou ao longo de toda a história.

A forma mística, uma visa a Deus e Israel, Cristo e a Igreja ou Cristo e a humanidade; e outra relaciona Deus ou Cristo e a alma humana, ou o Espírito Santo e Maria, ou Salomão e a sabedoria. “Acrescenta-se que esta mística pode ser desenvolvida seja como ascensão do homem para Deus – na linha do amor de que trata o Banquete de Platão – seja como resposta da fé a Deus que se aproximou do ser humano” (*BÍBLIA*, 1995, p. 1294).

Ainda na mesma tradução bíblica outra interpretação alegórica é a cultural, vê a tradução de uma liturgia pagã do Oriente Médio em honra de um deus que morre e vai aos infernos procurar sua amante, a deusa do amor e da guerra. Este culto foi combatido pelos profetas e depois foi adaptada a teologia de Israel, sendo reinterpretada para expressar a fé histórica da Páscoa.

A realidade sexual apresentada no *Cântico* é aceita pela interpretação dramática, porém evita o que considera escândalo, colocando a sexualidade em segundo plano. Considera que o livro para evitar ser obsceno não precisa ser místico, vê a fidelidade na relação de um amor honesto.

A forma naturalista interpreta o Cântico como uma coleção de canções de amor egípcias ou cantos populares árabes. Alguns veem apenas uma composição literária profana, como também há quem fale do senso moral de um amor honesto.

O *Cântico* descreve o amor carnal autêntico com a linguagem da aliança,

confissões cristãs e do judaísmo. Esta tradução contém a aprovação da CNBB sob o cânon 825, §§ 1 e 2 e das Instituições Ecumênicas do Brasil.

para mostrar no amor de Deus para com seu povo o modelo de todo amor humano [...]. Destarte, o sentido espiritual do Cântico está no seu sentido literal (*BÍBLIA*, 1995, p. 1294).

A tradução ecumênica propõe uma quinta interpretação considerando diversos elementos das anteriores. Nas interpretações apontadas faz-se uma leitura profana e sagrada e é bem possível que o *Cântico* fale de um amor ao mesmo tempo sagrado e sexual e a negação de um desses aspectos conduziria ao sentido profano ou ao alegórico.

4. O cânon e canonicidade do Cântico

O termo grego *kanōn* originalmente deriva de “cana” que era utilizada como medida, uma vara de medir. Daí a palavra passou a ser usada como regra de verdade ou de fé. A partir do século IV, os livros da *Bíblia* passaram a se chamar canônicos pelo reconhecimento de norma para a fé e a vida dos fiéis (FONSATTI, 2005, p. 12).

Existem dois cânones. Na *Bíblia* Católica, o *Antigo Testamento* é composto pelo Cânon Alexandrino, longo, com 46 livros, e na Protestante e hebraica o Cânon Palestinese, curto, com 39 livros. O *Novo Testamento* é o mesmo para protestantes e católicos com 27 livros e inexistente na hebraica.

Os livros da *Bíblia* são chamados de Protocanônicos, livros presentes nas *Bíblias* Hebraica, Católica e Protestante, considerados inspirados por Deus, ou Deuterocanônicos, livros que são aceitos por uns e rejeitados por outros, encontrados apenas na *Bíblia* Católica. “Para os judeus, um livro era inspirado e, portanto, canônico, se fosse escrito por um profeta, em hebraico e em Israel” (FONSATTI, *op. cit.*, p. 14). Por isso os judeus não aceitaram os deuterocanônicos, pois estes não se enquadravam nesses três requisitos. Já para os cristãos o uso litúrgico em conformidade com a fé, a prática de Jesus e dos apóstolos legitimavam a canonicidade destes últimos. O primeiro critério para canonicidade é o reconhecimento da ação do Espírito Santo, o mesmo que inspirou os autores a escrever conduz a Igreja nesse reconhecimento.

As verdades divinamente reveladas que estão contidas e expressas nos livros das Sagradas Escrituras foram escritas por inspiração do Espírito Santo. A Santa Mãe Igreja, por fé apostólica, considera sagrados e canônicos todos os livros inteiros, sejam do Antigo como do *Novo Testamento*, com todas as suas partes, porque escritos por inspiração do Espírito Santo, têm Deus como autor e como tais foram dados à Igreja. Para a composição dos livros sagrados, Deus escolheu homens, dos quais se serviu fazendo-os usar suas próprias fa-

culdades e capacidades, a fim de que, Ele agindo neles e eles, escrevessem como verdadeiros autores, tudo e só aquilo que Ele queria que fossem escritos (Constituição Dogmática *Dei Verbum* III, 11).

Durante muitos séculos o *Cântico dos Cânticos* foi sujeito a várias formas de interpretação e não obteve a aceitação universal. Os dois enfoques dominantes são: “a interpretação alegórica – a obra é uma alegoria, significando a união de Iahweh com Israel e a interpretação literal, o cântico é um louvor do amor humano como foi desejado e criado por Deus” (HARRINGTON, 1985, p. 343).

Para compor o cânon cristão e judaico houve certa oposição no Sínodo judaico de Jâmnia (90 d. C). Entre os cristãos e judeus predominou a interpretação alegórica e assim o Cântico passou a fazer parte do cânon judaico em 90 d.C. O Cântico torna-se um dos cinco *Meghillot*, ou seja, um dos cinco rolos utilizados na liturgia hebraica e nos séculos V-VI d.C. passa a ser usado nas grandes solenidades, principalmente na Páscoa.

A literatura do *Antigo Testamento* é um testemunho do povo de Israel para com sua história. Iahweh é o Deus de Israel, e Israel o seu povo. O Êxodo não é apenas um momento religioso, é essencialmente uma experiência histórica. Israel no que se refere à sabedoria se enquadrava no padrão comum do antigo Oriente Médio, com alusões aos feiticeiros de outros povos. Os escritos sapienciais em grande parte são mais antigos que qualquer outro da *Bíblia*. Eles tinham ampla circulação e exerciam forte influência além do seu país de origem. O considerado sábio lidava com problemas humanos, e estes, são praticamente os mesmos para toda a humanidade. Nesse campo de interesse se buscava o sentido da vida humana.

No século V a. C. surgiu a literatura sapiencial, ou seja, ainda no *Antigo Testamento* segundo o cristianismo. Entende-se por sabedoria naquele tempo não apenas um conhecimento acadêmico, mas também a definição das formas de conduta humana, principalmente “a arte de ser perfeito cavaleiro” (HARRINGTON, *op. cit.*, p. 19), que durante muitos anos no Egito era uma prática indispensável para uma bem sucedida carreira.

Storniolo e Balancin (1991) conceituam sabedoria como

O discernimento e a capacidade de ter bom-senso, coisas que só se adquirem pelo exame cuidadoso e crítico da experiência concreta, seja a própria, seja a dos antepassados. Assim, a sabedoria é a compreensão profunda dos fatos da vida e dos acontecimentos da história, aguçando o discernimento para que

as pessoas saibam descobrir o próprio caminho em meio ao emaranhado de coisas e situações, a fim de se realizarem (STORNILO & BALANCIN, *op. cit.*, p. 8).

A sabedoria praticada em Israel era inspirada pela fé em *Iahweh*, tendência depois do exílio. Surgiram neste século o livro dos Provérbios e a obra poética de Jó. No final do século V o Saltério provavelmente estava completo e aí surge o *Cântico dos Cânticos*.

A literatura sapiencial difere entre catolicismo, protestantismo e os escritos da *Bíblia* hebraica, porém cinco livros se faz presente nas três *Bíblias*, dentre esses o *Cântico dos Cânticos*. Juntamente com o Cântico os livros de Jó, Provérbios, Salmos e Eclesiastes formam os livros sapienciais de acordo com o protestantismo, acrescenta-se a esta lista os livros de Rute, Lamentações, Ester, Daniel, Esdras, Neemias e 1 e 2 Crônicas na *Bíblia* Hebraica, o que não acontece na *Bíblia* Católica em que essas últimas obras apesar de fazerem parte do cânon ocupam lugares diferenciados, além dos cinco primeiros acrescentam-se os livros Sabedoria e Eclesiástico.

Grande parte desta literatura atribuída a Salomão foi validada por seu interesse enquanto rei pela busca da sabedoria. Considerado mais sábio que qualquer pessoa, Salomão tinha garantido seu bom desempenho no movimento sapiencial em Israel, embora seja modesta sua contribuição escrita, visto que os livros foram escritos posteriormente à sua época, não se duvida de sua autoria apenas dos mais antigos de Provérbios. A sabedoria de Salomão era conhecida pela resposta de Deus (*Iahweh*) à sua oração (1 Rs 3, 6-14).

O entendimento de o *Cântico* ocupar um lugar entre os sapienciais perpassa pela universalidade de sua mensagem, a linguagem do amor, que atinge a todos. A realização do ser humano citada por Storniolo e Balancin (1991, p. 8) passa pela experiência do amor, do que dá sentido a existência, e certamente isto é sabedoria.

5. *Considerações finais*

Percebemos que a *Bíblia* possui um vasto campo de investigação na análise do discurso religioso ainda pouco explorado, que sua complexidade e profundidade apontadas por Maingueneau e Magalhães assinalam um caminho a ser trilhado nessa abordagem literária repleta de valor e sentido.

A análise dos discursos constituintes para Maingueneau (2000, *op. cit.* p. 5-6) abre um leque de instigantes questões sobre esse tipo de discursos. A literatura e o discurso religioso são estudados por milhares de pessoas, porém analisá-los conjuntamente enquanto uma nova unidade discursiva abre um interessante programa de pesquisa. Na pesquisa realizada pelo autor sobre diferentes discursos tidos como constituintes percebe-se o remetimento de uma categoria para outra.

Dentre os apontamentos da complexidade do discurso religioso por Magalhães, é preciso considerar os aspectos teológicos e religiosos para um aprofundamento literário. Os livros bíblicos dão forma à grandiosa história do ser humano, sobre sua presença no mundo, a narrativa mais impressionante produzida pelo ser humano.

Na *Bíblia* estão contidas várias comparações do amor de Deus para com seu povo e a Igreja e com o amor do esposo e da esposa. O *Cântico dos Cânticos* não é o único livro que desperta esta interpretação entre os estudiosos da religião.

Diante do amor Divino que, segundo o cristianismo, Deus pai enviou seu filho único para redimir toda a humanidade de seus pecados, o filho por sua vez, Jesus Cristo, aceitou livremente ir de encontro aos seus algozes por obediência e amor ao Pai, entregando-se a morte de cruz num ato extremado de amor. Do amor divino manifestado à sua Igreja, ou seja, o povo de Deus, ou manifestado no amor conjugal conforme São Paulo em sua epístola aos Efésios no capítulo cinco versículo 25: “Maridos, amai vossas mulheres como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela”. Ou no *Antigo Testamento* que encontramos no livro de Oseias no capítulo 11 versículos 4a. e 7, o amor de um pai decepcionado “eu os atraía com vínculos humanos, com laços de amor [...] Meu povo! Eles se obstinam em sua apostasia: são chamados para o alto, mas nenhum sem exceção se levanta. O amor *prevalece* apesar de tudo”. Em Isaías capítulo 43 versículo 3b-4a, um Deus que troca reinos por Israel, “Eu dei o Egito em resgate por ti, Kush e Sebá em troca de ti, pelo fato de valeres muito aos meus olhos, de teres peso e de eu te amar”.

Na obra, objeto desta abordagem, encontramos a expressão da grandiosidade de um amor, a exigência da busca do amado e da amada, a ludicidade poética presente em cada capítulo. Reportando ao pensamento de Maingueneau (2000, *op. cit.*, p. 6), percebemos nesta obra um discurso bastante especial que dá sentido aos atos da coletividade visto que o *Cântico* celebra o mistério e a grandeza do amor humano.

Quem nunca amou ou desejou se sentir amado? Como entender, racionalizar, o que nem sempre está ao alcance para uma única e última análise? O amor é inexplicável, mesmo para aqueles que fazem a experiência do amor. Consideramos a aceitação da obra *Cântico dos Cânticos* nos cânones dos escritos judaicos, na *Bíblia* católica e protestante como consequência natural dos estudos aprofundados da época pertinente, por considerarmos que diante do amor tudo o mais se torna menor, pois o amor dá sentido à existência humana. É nesses termos que a *Bíblia*, em especial o *Cântico dos Cânticos*, se traduz como discurso porque integra sujeitos, escritores problematizando a criação do corpo, do amor, da sedução e virtudes da fidelidade, a partir dos contextos enunciativos criados pelas escrituras.

O amor humano, como dizem Storniolo e Balancin (*op. cit.*, p. 14), torna-se o lugar teológico por excelência da manifestação e da experiência de Deus, acessível a toda e qualquer pessoa. É a misteriosa grandeza do amor, o divino que se revela por meio do humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA. Tradução Ecumênica da Bíblia – TEB. São Paulo: Loyola, 1995.

BÍBLIA Sagrada. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

FONSATTI, José Carlos. *Introdução à Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 2005.

HARRINGTON, Wilfrid John. *Chave para a Bíblia: a revelação: a promessa: a realização*. São Paulo: Paulus, 1997.

MAGALHÃES, Antonio. A Bíblia como obra literária. Hermenêutica literária dos textos bíblicos em diálogo com a teologia. *XI Congresso Internacional da ABRALIC Tessituras, Interações, Convergências*. USP, São Paulo, 2008. Disponível em:

<http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/054/ANTONIO_MAGALHAES.pdf>.

MAINGUENEAU, Dominique. Analisando discursos constituintes. *Revista do GELNE*, vol. 2, n. 2, 2000. Disponível em:

<www.gelne.ufc.br/revista_ano2_no2_39.pdf>.

_____. Clareza do texto, discursos constituintes e quadro hermenêutico. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*. V. 8, Nº 1, p. 11-19, jan/jun-2012. Disponível:

<www.upf.br/seer/index.php/rd/article/download/2635/1797>.

_____. *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo, Parábola, 2010.

RAVASI, Gianfranco. *Cântico dos cânticos*. São Paulo: Paulinas, 1988.

STORNILO, Ivo. BALANCIN, Euclides Martins. *Como ler o Cântico dos Cânticos*. O amor é uma faísca de Deus. São Paulo: Paulinas, 1991.

VATICANO. *Constituição dogmática Dei Verbum sobre a revelação divina*. Disponível em:

<http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_const_19651118_dei-verbum_po.html>.